Dia 1 — São Remígio, Arcebispo de Reims

Martirológio Romano

São Remígio, bispo e confessor, em Reims, na Gália; o qual converteu a nação francesa à fé de Cristo, batizando seu rei Clóvis e instruindo-o nos mistérios da Religião; tendo vivido muitos anos no episcopado, esclarecido em santidade e milagres, morreu em paz no dia 13 de janeiro; mas sua festa se celebra neste dia, que é o de sua trasladação. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Aretas, mártir, e outros quinhentos e quatro, em Roma.

Os santos mártires Prisco, Crescente e Evágrio, em Tomis, no Ponto.

Os santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, sua irmã, em Lisboa, em Portugal: os quais padeceram na perseguição de Diocleciano. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Piatão (chamado também Piat), presbítero e mártir, em Tournai, o qual, juntamente com São Quintino e seus companheiros, passou de Roma à Gália para pregar o Evangelho; e depois, na perseguição de Maximiano, coroado com o martírio, passou ao Senhor. (Este Santo, natural de Benevento, pregou provavelmente nas Gálias ao mesmo tempo que São Dionísio de Paris. Penetrando depois até a Bélgica, converteu à fé todo o país de Tournai e foi martirizado, segundo parece, sob o cruel prefeito Ricio Varo, pelos anos de 286. Seu corpo foi atravessado com cravos de carroça, que usavam então os romanos, entre outros instrumentos, para a tortura, e está depositado na igreja de seu nome em Seclin, povoação perto de Tournai, e é honrado como apóstolo e patrono daquele país.)

São Domnino, mártir, em Tessalônica, no tempo do mesmo Maximiano.

São Bavão, confessor, no porto de Gante. (Este grande modelo de penitência, chamado Albino e por sobrenome Bavão, depois de uma vida relaxada e de ter ficado viúvo, converteu-se a Deus num sermão que ouviu pregar a Santo Amando. Elegeu para sua morada o oco do tronco de uma grossa árvore; mas depois fabricou uma cela num bosque de Malmedum, perto de Gante, onde viveu como recluso. Morreu pelos anos de 653 ou 657. O exemplo de sua conversão moveu a abraçar a vida penitencial a outros sessenta cavaleiros jovens, e por estes foi fundada a igreja de São Bavão em Gante, de cuja capital é patrono.) São Severo, presbítero e confessor, em Orvieto.

São Remígio, Arcebispo de Reims

São Remígio, ornamento da ordem episcopal, um dos mais santos e mais sábios prelados de seu tempo e apóstolo da França, foi de uma das mais ilustres famílias das Gálias, mais distinguido pela santidade, que parecia hereditária em sua casa, que pelo esplendor de sua antiquíssima nobreza, a qual contava já muitos séculos de brilhante antiguidade em todo aquele país. Foi filho de Emílio, senhor de Laon, e de Santa Cilínia, cuja memória celebra a Igreja no dia 21 de outubro. Somente dois filhos lhes havia concedido o céu: São Príncipe, que foi bispo de Soissons, e outro segundo, cujo nome se ignora, que foi pai de São Lupo, bispo e sucessor de seu tio na mesma santa igreja.

Já não se consideravam Emílio e Cilínia em estado de esperar mais sucessão, quando um santo ermitão, chamado Montano, anunciou-lhes da parte de Deus que teriam um terceiro filho, a quem deviam pôr o nome de Remígio, o qual seria com o tempo apóstolo da França. O sucesso tardou pouco em verificar a profecia. Dentro de breves dias sentiu-se grávida Cilínia e a seu tempo deu à luz com toda felicidade em Laon aquele menino, que desde logo se qualificou por filho do milagre, e no Batismo foi-lhe imposto o nome de Remígio, como o havia prevenido o santo ermitão Montano. Não quis a bem-aventurada mãe que outra cuidasse daquele querido filho. Criou-o ela mesma por algum tempo, até que, não lho permitindo sua avançada idade, buscou-lhe uma ama como de sua mão, tão virtuosa que mereceu que a igreja de Reims a venerasse e lhe rendesse culto como a santa.

Resolvidos os pais de nosso Santo a não omitir diligência alguma de sua parte para contribuir para os altos desígnios que o céu tinha sobre aquele menino, fizeram-no educar com particular desvelo, tanto no santo temor de Deus como no estudo das letras. Abreviaram muito os cuidados da educação as bênçãos com que o céu o havia prevenido. Descobriram-se no menino Remígio tão grandes talentos naturais e tão extraordinária inclinação à virtude que, desde seus primeiros anos, foi necessário moderar sua aplicação e conter seu fervor dentro dos devidos limites. Com estas disposições fez tão rápidos e tão assombrosos progressos, assim nas ciências humanas como na ciência dos Santos, que aos dezoito anos de sua idade era admirado como portento de virtude, de eloquência e de sabedoria. Só ele ignorava seus talentos; insensível aos aplausos que lhe mereciam as produções de seu engenho, parecia-lhe que só tinha habilidade para encomendar-se a Deus, e por isso a oração tinha tanto atrativo para ele que empregava nela grande parte do dia e da noite, não sendo de seu gosto nenhum dos mais inocentes entretenimentos daquela idade. Era muito inclinado ao retiro; pelo que, concluídos seus estudos, encerrou-se no castelo de Laon, onde, observando-o mais de perto sua família, estimou mais a edificação de seus exemplos que o esplendor com que o ilustrava sua eloquência e sua sabedoria. Viveu retirado no castelo até a idade de vinte e dois anos, tempo em que quis o céu tirar à luz aquela brilhante tocha para colocá-la sobre uma das primeiras cadeiras da Igreja da França.

Morreu Bennado, arcebispo de Reims, e mal se pensou em nomear-lhe sucessor, quando todos os sufrágios do clero e do povo se uniram em favor de Remígio, sem haver que vencer mais que a resistência de sua humildade e as dificuldades de sua modéstia. Deixou pouco arbítrio a esta eleição o superior conceito que se tinha da pureza de seus costumes e o de sua rara capacidade, muito superior a seus anos. Não deixou ele mesmo de objetar a falta destes, alegando-a como

impedimento canônico que tornava inválida a eleição; mas os eleitores só se detiveram a pesar seus méritos, sem gastar o tempo em contar seus anos. Como em nenhuma de suas ações o haviam notado moço, e como em toda a sua conduta haviam observado sempre uma madureza, um juízo, uma gravidade, uma circunspecção e uma prudência que o faziam muito superior às experiências dos velhos, nada houve que fazer em que a Sé apostólica dispensasse em seu favor as ordinárias regras da Igreja.

Conheceu-se muito cedo que a virtude supre a idade com muitas vantagens. Nenhum bispo honrou mais a dignidade e nenhum desempenhou melhor todas as suas obrigações. Persuadido de que, para ser poderoso em palavras, era mister sê-lo primeiro em obras, dedicou-se a possuir todas aquelas virtudes que o apóstolo São Paulo requer nos pastores. Sua pureza conservou-se toda a vida, não só sem mancha, mas ainda sem sombra dela; sua caridade nunca sofreu alteração. Tendo vendido seu rico patrimônio e distribuído o produto entre os pobres, considerou-se ele mesmo um deles, a quem a igreja de Reims mantinha de esmola, confiando-lhe a administração e a distribuição de suas rendas entre todos os necessitados. A afabilidade, a doçura, a humildade e a modéstia fizeram-no dono dos corações de todos; e como o zelo correspondia à eminência de sua santidade, todo o bispado experimentou logo os efeitos. Era infatigável nos exercícios de sua caridade e nas funções de seu ministério. Não houve choça que não visitasse, ignorante que não instruísse, necessitado que não aliviasse, nem aflito que não encontrasse nele pai e consolo. Nota São Gregório de Tours que era tão eminente a santidade de sua vida, e estava tão geralmente reputada por todos, que era São Remígio tão venerado em Reims como São Silvestre em Roma. Fortunato no-lo representa como o homem mais sábio e como o prelado mais santo de seu século, acrescentando que sua doutrina, ainda que adornada com o mais seleto que pode dar de si a erudição e a eloquência humana, era mais inspirada do céu que adquirida na terra.

Querendo Deus ilustrar ainda mais aquela elevada virtude, autorizava-a com milagres. Na visita de Chaumecy curou um pobre cego, que de quando em quando estava possuído do demônio. Em Cernay, com o sinal da cruz encheu de vinho um tonel vazio, em reconhecimento da caridade e do agasalho com que uma boa mulher o havia hospedado em sua casa. Nenhuma coisa resistia às orações e à virtude do servo de Deus. Apoderou-se o fogo de um bairro da cidade de Reims e ameaçava um incêndio geral a toda a cidade; acudiu lá o santo Arcebispo, fez o sinal da cruz e no ponto tudo se apagou inteiramente. À fama de São Remígio concorria a Reims todos os dias um prodigioso número de enfermos, e todos recobravam a saúde pelas orações do Santo. Certa mulher energúmena acudiu a São Bento em seu deserto de Subiaco para que a livrasse daquele trabalho, e o Santo remeteu-a a São Remígio para que a sarasse. Contam-se muitos mortos ressuscitados e um prodigioso número de milagres obrados por aquele taumaturgo da França. Mas o milagre maior do grande São Remígio foi a conversão do rei Clóvis e de quase toda a nação francesa.

Havia cinco anos que Clóvis reinava entre os franceses quando, tendo desbaratado Siágrio, governador das Gálias e general do exército romano, apoderou-se de Soissons e de quase todas as conquistas dos romanos. Dedicou-se principalmente a merecer o amor e a estima dos povos, já quase todos cristãos, reprimindo a licença do soldado, castigando seus excessos e proibindo sobretudo com graves penas que se tocasse no sagrado dos templos, o que não contribuiu pouco para ganhar-lhe o coração dos novos vassalos. Um soldado, contudo, teve atrevimento para furtar

de certa igreja de Reims um vaso sagrado de grande preço, e São Remígio despachou um clérigo ao Rei para recobrá-lo. Recebeu-o com grande humanidade Clóvis, que já tinha notícias do mérito e da santidade do Prelado; despediu-o com muito agrado, prometendo-lhe que o vaso se restituiria ao Arcebispo quando se fizesse a repartição do despojo, segundo o costume da nação. Pediu o Rei aquele vaso ao soldado; mas este lhe respondeu com insolência que o rei devia contentar-se com sua parte e, colérico, desfechou um grande golpe de machado sobre o mesmo vaso. Dissimulou Clóvis a falta de respeito e contentou-se por então com tomar o vaso e enviá-lo ao Arcebispo; mas no ano seguinte, passando revista, reparou que as armas daquele soldado estavam pouco limpas; e abrindo-lhe a cabeça pelo meio, disse-lhe: «Lembra-te do vaso de Soissons.»

Seis anos depois casou-se Clóvis com Clotilde, sobrinha de Gondebaldo, rei dos borgonheses, princesa cristã e muito virtuosa, que conservou a pureza da Religião em meio de uma corte ariana e, por sua virtude, raras prendas e formosura, fez-se dona do coração do Rei, aproveitando-se deste domínio de maneira que o aproximou não pouco da religião cristã.

Pelos anos de 494 saíram de suas terras os alemães, povos belicosos que ainda não haviam dado seu nome àquele dilatado espaço de terreno que se vê hoje tão povoado, e lançaram-se com ímpeto sobre os franceses, cuja monarquia acabava de nascer e, por isso mesmo, era mais fácil fazê-la titubear. No princípio arrojaram-se sobre as terras de Sigisberto, rei de Colônia. Pareceu a Clóvis que os devia prevenir; e juntando prontamente suas tropas, acudiu à frente delas a incorporar-se com o exército de Sigisberto. Encontraram o inimigo em Zülpich, então Tolbiac, no ducado de Juliers. Os dois exércitos vieram imediatamente às mãos. O choque foi terrível pelo valor das duas nações; mas, ferido Sigisberto, retirou-se da batalha, e suas tropas começaram a retroceder, cujo terror se comunicou muito em breve às de Clóvis. Parecia já negócio desesperado da parte dos franceses, quando se lembrou Clóvis da palavra que havia dado à rainha Clotilde,

oferecendo-lhe que, se o Deus que ela adorava o fizesse voltar vitorioso daquela expedição, ao ponto se faria cristão. Parou de repente em meio da função, levantou os olhos e as mãos ao céu e, falando com o Deus a quem adorava sua virtuosa mulher, disse-lhe: «Senhor, cujo grande poder sobre todas as potências da terra tantas vezes me têm ponderado, supondo-mo também muito superior ao poder dos deuses que eu adoro: dignai-vos dar-me uma prova dele no extremo a que me vejo reduzido. Se me concedeis esta graça, prometo fazer-me batizar quanto antes, para não reconhecer outro Deus verdadeiro que a Vós só.» Logo que pronunciou estas palavras, reconheceu em seu coração um novo alento comunicado pelo Deus que acabava de invocar e, observando o mesmo ardor nos que estavam perto de sua pessoa, tornou a ordená-los: marcha com eles a um grosso de inimigos que vinha envolvê-los, carrega-os, rompe-os, desfaz-os, e fica estendido no campo o rei dos alemães. Conseguiu Clóvis uma completa vitória, e tão completa que nenhuma o foi mais, nem em outra alguma se ostentou mais o Deus dos Cristãos como Deus dos exércitos. Seguro o Rei da assistência do céu, passa o Reno, vadeia o Meno, dissipa o resto de inimigos que encontrou formados e levou-os diante de si, batendo-os sempre até os Alpes.

Não tendo já Clóvis inimigos, voltou vitorioso a seu reino para cumprir a palavra que havia dado ao verdadeiro Deus. Nenhuma notícia causou nunca maior gozo à virtuosa rainha Clotilde. Saiu a recebê-lo desde Soissons até Reims e rogou a São Remígio que aperfeiçoasse com suas instruções e com suas exortações a grande obra da conversão do Rei, que o céu tão felizmente havia

começado. Não era desconhecido o Arcebispo a Clóvis; tinha este grandes notícias de sua santidade e estava bem informado de seu mérito. Logo que o Rei chegou a Reims, fez-se catecúmeno de Remígio, e a boa disposição do Monarca poupou muito tempo às instruções do Arcebispo. Achou-se logo capaz de receber o Batismo; mas quis, por seguir o conselho do santo Bispo, que todos os seus vassalos o recebessem com ele. Reuniu, pois, seus oficiais e soldados; trouxe-lhes à memória os milagrosos sucessos da jornada de Tolbiac, declarou-lhes sua resolução de abraçar a religião cristã e exortou-os com eloquência nobre, majestosa e patética a que imitassem seu exemplo. Ao ponto ressoaram por todas as partes alegres aclamações e gritos, ouvindo-se uma voz geral que dizia como de comum concerto: «Todos renunciamos o culto dos deuses mortais e só queremos adorar o imortal. Não reconhecemos outro Deus que o que nos prega o santo bispo Remígio.» Então desdobrou o Santo todas as bandeiras de seu apostólico zelo. São indizíveis os trabalhos, as fadigas e os desvelos que lhe custou recolher tão rica e tão copiosa messe, sendo preciso para isso instruir antes toda aquela numerosíssima nação.

Assinalado o dia em que o Rei havia de receber o Batismo, escolheu-se para esta augusta cerimônia a igreja de São Martinho, extramuros da cidade de Reims. Adornou-se magnificamente não só a mesma igreja, mas todas as ruas que conduziam a ela. Estenderam-se e penduraram-se ricos tapetes e tapeçarias, todos brancos, para significar o efeito que o Sacramento causava na alma. As tochas e as velas que ardiam em grande número estavam confeccionadas com requintadas essências, as quais se exalavam juntamente com a chama e, misturando-se aos aromas, bálsamos e especiarias odoríferas de que estava cheia a igreja, derramavam em todo o ambiente uma suavíssima fragrância. O dia desta memorável cerimônia foi o mesmo de Natal do ano de 496. Deixou-se ver o Rei com toda a família real à frente de mais de três mil homens escolhidos da corte e do exército, entre os inumeráveis que haviam pedido o Batismo.

Avançou o Rei com roupagem branca, com três mil catecúmenos vestidos da mesma cor, às pias batismais, onde encontrou São Remígio, acompanhado dos ministros da igreja, em hábitos de cerimônia, e de muitos outros bispos das Gálias. Recebeu-o o santo Prelado com um eloquente discurso, no qual, manifestando-lhe seu gozo e o de todos os povos que acabava de sujeitar ao domínio dos franceses, significava-lhe ao mesmo tempo a jurisdição espiritual que lhe comunicava sobre ele a autoridade de pastor, quando o recebia no número de suas ovelhas. Neste tom de autoridade, sustentado mais pela santidade de sua vida que pela sagrada elevação de seu caráter, acrescentou-lhe, quando estava para batizá-lo, estas palavras: «Príncipe, dobra tua cerviz e humilha-te sob a mão onipotente do Dono do universo; respeita agora aqueles templos seus que em outros tempos reduzias a cinzas; lança ao fogo esses ídolos que por tantos anos adoraste.» Imediatamente renunciou o Rei a todas as superstições gentílicas, confessando publicamente um só Deus todo-poderoso em três pessoas distintas, e Jesus Cristo nosso Redentor, com todas as demais verdades da religião cristã. Depois de batizado o Rei, São Remígio administrou o sacramento do Batismo a mais de três mil pessoas, e entre elas a Lantilde e Albofleda, irmãs de Clóvis. A última, pouco depois, consagrou-se a Deus renunciando ao matrimônio para viver em perpétua virgindade: efeito das instruções e da direção do santo Arcebispo.

Assegura-se que o céu acreditou com muitas maravilhas o gozo que lhe cabia na conversão do primeiro rei cristão,[^1] chamado por isso mesmo o filho primogênito da Igreja; porque, não tendo podido penetrar pelo imenso gentio o clérigo que levava o sagrado Crisma, suplicou São Remígio

ao Senhor que se dignasse remediar aquela falta, e ao ponto deixou-se ver uma branquíssima pomba com uma ampola no bico, cheia de um bálsamo milagroso, que, revoando brandamente, pô-la nas mãos do Arcebispo, o qual a tomou com humilde ação de graças, serviu-se daquele óleo celestial para a cerimônia do Batismo e, depois dela, com o mesmo ungiu e consagrou o Rei. Esta garrafinha, baixada do céu, é a que com o nome de santa Ampola se guarda com tanta veneração na abadia de São Remígio de Reims, e com aquele milagroso óleo se consagram ainda hoje todos os reis da França. Hincmaro, arcebispo de Reims, que viveu no tempo de Carlos, o Calvo, pelos anos de 850; Flodoardo, que floresceu no século X; Aimoíno, que vivia no princípio do XI; Gerson, Gaguino e outros antigos historiadores asseguram que aquele celestial bálsamo encheu de fragrância toda a igreja. Também se conta que o escudo semeado de flores-de-lis e o auriflama foram entregues por um Anjo nas mãos de certo ermitão que habitava o deserto de Jovenval, e que a Clóvis foi comunicada a graça de curar as escrófulas, da qual fez a primeira prova em seu favorecido Lanicet, graça que se tem continuado depois em todos os reis da França.

Concluída aquela augusta cerimônia, Remígio, a quem o Rei respeitou desde então como a pai seu, dedicou-se inteiramente à conversão de toda a nação, servindo-se do favor do Príncipe única e precisamente para aumentar cada dia novas conquistas a Jesus Cristo e para fazer que florescesse no reino a disciplina eclesiástica. Tendo presenteado o imperador Anastácio ao Rei com uma rica coroa de ouro, persuadiu-lhe nosso Santo que a remetesse a Roma. Recebeu o papa Hormisdas o presente com o gozo e com o reconhecimento que correspondia a tão ilustre como ruidosa conversão; e sabendo muito bem que, depois de Deus, a Igreja a São Remígio o devia, fê-lo legado da Santa Sé no reino da França. Achou-se nosso Santo no primeiro concílio de Orleans; tendo concorrido a ele um bispo ariano sem outro fim que o de disputar e confundir os Católicos, não se dignou o orgulhoso Prelado nem sequer de olhar para São Remígio quando entrou onde estavam os demais. Sobre o mesmo fato castigou o céu seu orgulho, porque ficou mudo de repente. Reconheceu ao mesmo tempo sua soberba e seus erros; prostrou-se aos pés do Santo, manifestando com acenos seu arrependimento; e tendo abjurado aqueles, São Remígio restituiu-lhe o uso da língua.

Antecipou-lhe o Senhor a notícia de que havia de castigar os pecados do povo com uma fome cruel, e o Santo acopiou grande quantidade de grãos para socorrer as necessidades públicas. Maliciaram os camponeses que era cobiça o que era caridade e, com maligna intenção, puseram fogo ao celeiro. Sabendo-o São Remígio, acudiu prontamente a apagá-lo; mas vendo-o já todo consumido e sem remédio, disse com graça, com frescura e sorrindo: «O fogo em todos os tempos é bom; aqueçamo-nos nele, já que não se pode tirar outro proveito»; e pôs-se a aquecer-se com o maior sossego.

Quis o Senhor purificar sua virtude com dolorosas enfermidades nos últimos anos de sua vida; mas as enfermidades não alteraram sua doçura nem sua invencível paciência. Teve revelação do dia de sua morte e dispôs-se para ela redobrando suas penitências e acendendo mais seu fervor. Cumulado, enfim, de merecimentos e consumido de trabalhos, rendeu tranquilamente seu espírito nas mãos de seu Deus no dia 13 de janeiro do ano de 533, quase aos noventa e seis de sua idade e aos setenta e cinco de seu pontificado, que todo ele foi uma continuada série de prodígios. Resolveu-se dar sepultura ao santo corpo na igreja de São Timóteo; mas ficou imóvel a meio do caminho; quiseram enterrá-lo na de São Nicásio e depois na de São Sisto; mas tudo inutilmente.

Ocorreu-lhes, enfim, o pensamento de levá-lo à de São Cristóvão, onde não havia corpo santo, e logo o santo corpo deixou-se mover. Fizeram glorioso seu sepulcro os prodígios e frequentes milagres que Deus obrou nele, e de todas as partes concorria a devoção a venerá-lo. São Gregório de Tours, que morreu no mesmo século que São Remígio, assegura que por esta mesma multidão de milagres moveu-se o clero a elevar o santo corpo e a colocá-lo em sítio mais decente, às costas do altar; e porque esta trasladação se fez com majestosa pompa no dia primeiro de outubro, começou-se desde então a celebrar sua festa neste dia. Assim permaneceu o santo corpo até o nono século, em que o arcebispo Hincmaro o elevou pela segunda vez para colocá-lo em lugar ainda mais digno que o primeiro. Deu maior extensão à igreja; edificou uma nova capela subterrânea, que enriqueceu com muitos adornos; depositou numa urna de prata o corpo do Santo, que se achou todo inteiro e envolto num tafetá carmesim, e pôs esta urna sobre o sepulcro de mármore que se lhe havia fabricado na primeira trasladação de primeiro de outubro, celebrando-se no mesmo dia a segunda. No ano de 901 fez-se a terceira pelo arcebispo Hervé, levando-se o corpo ao mosteiro de São Remígio, edificado sobre as ruínas da pequena igreja de São Cristóvão. Enfim, no ano de 1049, achando-se o papa Leão IX na cidade de Reims, onde celebrou um concílio, e oferecendo-se então a dedicação da igreja nova do mosteiro de São Remígio, tomou esta ocasião para trasladar a ela o corpo do Santo, que se achou inteiro aos quinhentos e dezesseis anos depois de sua morte. Esta última trasladação celebrou-se também com magnífico aparato no dia primeiro de outubro, e o Papa fixou nele a festa de São Remígio.

São Veríssimo, Santa Máxima e Santa Júlia, Mártires

No reino de Portugal, província da Espanha em séculos anteriores, é e tem sido sempre célebre a memória dos santos Veríssimo, Máxima e Júlia, naturais de Lisboa, os quais deram provas de seu valor e da constância de sua fé no princípio do século IV, imperando Diocleciano e Maximiano. Tendo os santos irmãos ouvido pregões da parte dos Imperadores, em que se mandava que todos os cristãos que se achassem em Lisboa adorassem os ídolos ou fossem mortos, sem serem buscados nem presos foram apresentar-se ao juiz e confessaram que eram cristãos. Este mandou que os pusessem no cárcere e ali parcamente lhes dessem de comer. Sofreram isto os santos irmãos com muito contentamento e alegria, que mostravam em seus rostos, incitando assim o juiz para que lhes desse maiores tormentos, como lhos deu, fazendo-lhes deslocar seus corpos na roldana. Mandou açoitá-los com pontas de ferro, chamadas escorpiões, que é o mesmo que lacraus. Despedaçaram-nos com ganchos de ferro, até descobrir as entranhas, aplicando-lhes fogo pelos lados com lâminas de ferro feitas brasa. Depois disto levaram-nos arrastando pelos pés por toda a cidade e, dando-lhes primeiro muitas pedradas, por fim mandaram degolá-los, e assim, juntamente com a vitória sobre o tirano, alcançaram a coroa do martírio em tal dia como hoje. Seus corpos ficaram no campo para pasto de animais; e porque ninguém os tocou nos dias que ali estiveram, atados a grandes pedras lançaram-nos ao mar; mas, favorecidos por Deus, que usou com eles de um milagre, o mar os lançou em sua riba, tomando os Cristãos ânimo para enterrá-los

e os gentios confusão para não ousar estorvá-lo. Foram sepultados na praia, onde se fabricou uma igreja. Depois o rei de Portugal, D. João II, no ano de 1475, mandou trasladá-los para dentro da cidade, ao mosteiro de monjas de Santiago.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Remígio, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Remigii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que a venerável solenidade do bem-aventurado Remígio, vosso confessor e pontífice, nos aumente a devoção e o desejo de nossa eterna salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 do Eclesiástico (o impresso traz «xL1v y xuv»).

Eclesiástico 44,16-27; 45,3-20

> **Latim:** [16] Enoch placuit Deo, et translatus est in paradisum, ut det gentibus pœnitentiam. [17] Noë inventus est perfectus, justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. [18] Ideo dimissum est reliquum terræ, cum factum est diluvium. [19] Testamenta sæculi posita sunt apud illum, ne deleri possit diluvio omnis caro. [20] Abraham magnus pater multitudinis gentium, et non est inventus similis illi in gloria : qui conservavit legem Excelsi, et fuit in testamento cum illo. [21] In carne ejus stare fecit testamentum, et in tentatione inventus est fidelis. [22] Ideo jurejurando dedit illi gloriam in gente sua, crescere illum quasi terræ cumulum, [23] et ut stellas exaltare semen ejus, et hæreditare illos a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos terræ. [24] Et in Isaac eodem modo fecit, propter Abraham patrem ejus. [25] Benedictionem omnium gentium dedit illi Dominus, et testamentum confirmavit super caput Jacob. [26] Agnovit eum in benedictionibus suis, et dedit illi hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim. [27] Et conservavit illi homines misericordiæ, invenientes gratiam in oculis omnis carnis. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram

> populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël. [7] Excelsum fecit Aaron fratrem ejus, et similem sibi, de tribu Levi. [8] Statuit ei testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria : [9] et circumcinxit eum zona gloriæ, et induit eum stolam gloriæ, et coronavit eum in vasis virtutis. [10] Circumpedes, et femoralia, et humerale posuit ei : et cinxit illum tintinnabulis aureis plurimis in gyro : [11] dare sonitum in incessu suo, auditum facere sonitum in templo in memoriam filiis gentis suæ. [12] Stolam sanctam auro, et hyacintho, et purpura, opus textile viri sapientis, judicio et veritate prædíti : [13] torto cocco opus artificis gemmis pretiosis figuratis in ligatura auri, et opere lapidarii sculptis, in memoriam secundum numerum tribuum Israël. [14] Corona aurea super mitram ejus expressa signo sanctitatis, et gloria honoris : opus virtutis, et desideria oculorum ornata. [15] Sic pulchra ante ipsum non fuerunt talia usque ad originem. [16] Non est indutus illa alienigena aliquis, sed tantum filii ipsius soli, et nepotes ejus per omne tempus. [17] Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie. [18] Complevit Moyses manus ejus, et unxit illum oleo sancto. [19] Factum est illi in testamentum æternum, et semini ejus, sicut dies cæli, fungi sacerdotio, et habere laudem, et glorificare populum suum in nomine ejus. [20] Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum, et bonum odorem, in memoriam placare pro populo suo :

Português: [16] Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência. [17] Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da ira veio a ser a reconciliação dos homens. [18] Por isso foram deixadas umas relíquias déles sobre a terra, quando veio o dilúvio. [19] Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne. [20] O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. [21] Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel. [22] Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra, [23] e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. [24] E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai. [25] O Senhor lhe deu a bênção de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó. [26] Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos. [27] E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel. [7] Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a êle da tribo de Levi: [8] Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória, [9] e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade. [10] Pôs-lhe a

vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro. [11] A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente. [12] A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: [13] De fio de escarlate torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. [14] Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adorno que levava após si os olhos de todos. [15] Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo. [16] Dela se não vestiu pessoa alguma de outra família, mas só únicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. [17] Os seus sacrifícios foram todos os dias consumidos pelo fogo. [18] Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. [19] Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome. [20] Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrifício, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

Reflexões

Não se achou homem algum semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo; por isso o Senhor o fez crescer no meio de seu povo. Oh, e que curto é o número dos fiéis servos de Deus! Façamos juízo disto pelo número dos que observam sua lei com fervor, com pontualidade e com zelo. É porventura nestes tempos a santa lei de Deus aquela regra por onde governam seus costumes e sua conduta todos os que se chamam fiéis? Quantos olham esta divina lei pouco menos que como uma lei puramente penal, que precisamente se observa por um temor servil e frequentemente se atropela sem remorso? A observância da lei divina caminha sempre ao mesmo passo do lugar que ocupa a Religião no coração dos fiéis. Se se tem muita religião, observa-se a Lei com fidelidade e com exatidão; mas, logo que se começa a ser pouco cristão, passa-se por cima dela com facilidade. Se queremos fazer juízo seguro da religião que temos, façamo-lo pela fidelidade, pelo ardor e pela pontualidade com que guardamos seus preceitos. Nossos dogmas não são puramente especulativos; a fé dos Cristãos é prática, regula os costumes e alumia o entendimento. Os demônios creem, mas com uma fé inteiramente teórica. É necessário crer para ser salvos; mas desditoso daquele que tem fé e não tem obras. É necessário crer; mas é preciso viver conforme ao que se crê. Que lugar ocupa hoje no mundo a Religião? O mesmo que ocupa a lei de Deus: se esta lei cede ao interesse, à ambição, às paixões e às ímpias máximas do mundo, que cabedal havemos de fazer da religião que professamos? Percorramos com a consideração todas as condições, todos os estados, todas as idades: logra em todos a primazia esta divina lei? Concorre muitas vezes com as leis das paixões e do amor-próprio. Ela proíbe aquilo mesmo que persuade o amor dos deleites; ela condena o que o mundo apetece, o que o mau exemplo autoriza, o que os dissolutos aclamam e o que as almas estragadas seguem, anseiam e solicitam. A favor de qual destas duas partes se pronuncia a sentença naqueles tribunais onde preside a paixão? Daqui nasce aquela geral relaxação da moral; daqui aquela universal corruptela de costumes; daqui aquela preferência do espírito do mundo sobre as máximas do Evangelho; daqui aquela falta de submissão às decisões

da Igreja; e daqui, enfim, aquele curto número dos escolhidos. Mas esta desordem de costumes, esta escandalosa injustiça de juízo e de conduta, reinará porventura somente entre as gentes do mundo? Oh, e que estranha seria a abominação da desolação no lugar santo, se o estado eclesiástico e o religioso fossem impenetráveis ao espírito do mundo, se o sagrado da fé e da inocência não se visse profanado pela corrupção!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu

senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Da ventura que temos em ser cristãos

Primeiro ponto

Considera que a maior ventura que podemos ter neste mundo é ser cristãos. Nascimento ilustre, família distinta, alianças honrosas, postos elevados, fortuna brilhante, títulos antigos, empregos lustrosos, nomes magníficos: não me direis de que poderão servir a um pobre infiel por toda a eternidade? Os Alexandres e os Césares estão hoje confundidos com os mais vis escravos de sua mesma religião. Revolvei suas cinzas, buscai entre elas alguma distinção; pois as mesmas encontrareis em suas pessoas.

Bom Deus, e que pequeninos são em sua morte os maiores homens, se têm a desgraça de não morrer cristãos! Cheio está o inferno desses felizes do século, desses deuses da fábula; e por certo que ali será muito respeitável o título de haver sido um semideus na terra! Só o nome de cristão é título de muita honra numa e noutra vida; é um caráter indelével, que por si só funda nos párvulos legítimo direito à eterna bem-aventurança. Ainda que se hajam possuído todos os títulos de nobreza, de preeminência e de grandeza que são imagináveis, se falta o de cristão, todos os demais se esvaem em fumo. Ainda que alguém houvesse sido o príncipe mais poderoso do mundo, será sumamente infeliz por toda a eternidade se não é cristão. A verdadeira e única bem-aventurança, diz Jesus Cristo, é conhecer-te a ti, ó Pai eterno, e conhecer a teu único Filho Jesus Cristo, que enviaste à terra. Esta fé e este conhecimento é a Religião dos Cristãos. De tudo isto podemos compreender, se for possível, o preço, a dignidade, o valor e o mérito do santo Batismo e a excelência que comunica o augusto nome de cristão. Sendo concebidos em pecado, nascemos todos escravos do demônio, filhos de maldição e de ira. O Batismo é uma regeneração, um segundo nascimento pelo qual gozamos a preciosa liberdade de filhos de Deus, adquirimos direito à herança eterna, somos povo de Deus, irmãos, por dizê-lo assim, de Jesus Cristo, seus co-herdeiros, membros de seu corpo místico, que é a Igreja. Compreende agora, se podes, que ventura é haver recebido o Batismo.

Segundo ponto

Considera as infinitas vantagens que traz consigo o augusto nome de cristão. Representa-te os infinitos méritos da vida, paixão e morte de Jesus Cristo; o infinito preço e valor dos santos Sacramentos; os incompreensíveis gozos da celestial Jerusalém; o valor sem medida da graça do Salvador; as inestimáveis utilidades da comunhão dos Santos; a indizível dignidade de nossa

Religião; e, enfim, a ventura da eterna bem-aventurança. Pelo santo Batismo, pelo título de Cristãos adquirimos direito a todos estes tesouros, enriquecemo-nos com todos estes bens e podemos aspirar a ser cidadãos da pátria celestial. Oh grande Deus, e que elevado conceito faremos desta ventura por toda a eternidade! Que ideia não teremos do santo Batismo! E qual será nosso reconhecimento por tão inexplicável benefício! Trocaremos então, ou confundiremos, o nome de cristão com o de homem de distinção, homem poderoso, homem de engenho, homem de mundo? E se por toda a eternidade somente havemos de fazer apreço do título de cristãos; se este só nome há de ser o objeto de nosso eterno reconhecimento, que razão haverá para que não pensemos e não discorramos agora da mesma maneira? Coisa estranha! Vive e morre um cristão sem haver talvez jamais dado graças a Deus por tão insigne favor, e acaso sem haver nunca estimado como tal a graça de ser cristão. Faz-se tanta estima de ter nascido grande, de ter nascido príncipe, de ter nascido soberano. Aprecia-se tanto ser de família ilustre, de casa opulenta e poderosa; mas quem faz uma santa vaidade de ter nascido de pais cristãos e de ter sido reengendrado nas salutares águas do Batismo? Quantas vezes se deram graças a Deus por tão grande benefício? Gloriamo-nos de um vão título de nobreza; mas onde há nobreza comparável com a de ser filhos de Deus, ter direito ao paraíso e ser membros da verdadeira Igreja? Somos ingratos porque estimamos pouco este favor; e estimamo-lo pouco porque temos pouca fé, porque nossos costumes e nossa conduta desacreditam nossa Religião e a santidade do Cristianismo.

Conheço, Senhor, a irregularidade e a impiedade de minha conduta; mas confiado em vossa divina graça, espero reparar minha passada ingratidão com minha emenda futura.

Jaculatórias

Sou, Senhor, vosso filho e vosso servo pelo Batismo; não permitais que se perca vosso servo e vosso filho. (Sl 118.)

A única vida eterna é conhecer-te a ti, só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, que enviaste. (Jo 17.)

Propósitos

1. Não há dignidade comparável com a de cristão: todo título de nobreza, todo dictado honorífico, toda dignidade da terra, todo nome cede ao augusto epíteto de cristão e ao respeitável caráter que recebemos no santo Batismo. Muitos príncipes e princesas nunca se gloriavam de outra qualidade: «Sou cristão, sou cristã», ouvia-se-lhes repetir muitas vezes: «estes são os títulos de minha nobreza.» São Luís, rei da França, assinava-se Luís de Poissy, porque em Poissy havia sido batizado. «Eu sou cristã», respondiam aos tiranos aquelas ilustres Mártires, que em nada apreciavam ser princesas. É certo que esta augusta dignidade não se envileceu; pois de onde nascerá que não nos honremos tanto com ela? De que somos pouco cristãos. É um grande no mundo, é nobre, é cavaleiro, é rico, e logo faz vaidade de sê-lo; mas hoje em dia, quem faz tanta de ser cristão? Sem dúvida que isto deve de ser porque se conhece muito bem que a conduta

desmentiria as palavras e a profissão. Toma uma forte resolução para que de hoje em diante seja muito diferente da que tens tido até agora: todos os dias pela manhã e pela noite hás de dar graças a Deus pela insigne ventura de ser cristão e católico, gloriando-te de sê-lo, de parecê-lo e de confessá-lo. Quando louvarem à tua presença tua casa, tua família, tua distinção, teu emprego, teu ministério, dize com resolução que não apreças outro caráter nem outra dignidade que a de cristão.

2. Tem presente o dia em que foste batizado e celebra todos os anos este ditoso dia com alguma festa particular. Confessa-te e comunga nele, dando graças ao Senhor por tão grande benefício. Manda celebrar alguma missa para o mesmo fim e convida com algumas esmolas os pobres para que juntem suas graças com as tuas. Renova nele o que prometeste a Deus no Batismo e professa particular devoção ao Santo ou Santa de teu nome.

[^1]: Entende-se na França; em outras partes já havia havido muitos reis cristãos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:09 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:09 by Admin